

## Liberdade de ensino

---

\*\*\* Nós, brasileiros, podemos rir de mais de um povo, a despeito de nos taxarem de mestiços de baixa estirpe e de fracas luzes: é quanto ao espirito liberal que sempre saturou as nossas instituições escolares, sobretudo os cursos de ensino superior.

Emquanto, sem recuar seculos, a Hespanha fuzila Francisco Ferrer, por haver reivindicado para o seu paiz a adopção de processos pedagogicos racionaes vasados na experiencia scientifica; emquanto na Norte America se condemna um professor e são outros ameaçados de ter a mesma sorte, por se recusarem a jurar sobre a infantil cosmogonia biblica; emquanto ali se demittem summariamente economistas e sociologos que, das suas cathedras, dissertam sobre assumptos que possam, mesmo vagamente, desagradar aos plutocratas e aos governos a serviço daquelles; no Brasil desfructamos, felizmente, de uma liberdade de pensar em materia de crenças religiosas e de doutrinas philosophicas, que poucas nações cultas registam na historia de seu direito publico.

Em qualquer das nossas Faculdades pôde um docente expor aos alumnos o que bem entender, e não nos consta que os programmas por elle organizados já tenham sido repellidos pelas congregações, por conterem idéas ou principios subversivos, attentatorios desse ou daquelle dogma.

Tomemos, para exemplo, um dos institutos de mais fama na chronica do nosso desenvolvimento cultural: a Faculdade de Direito do Recife. Desde os aureos tempos em que pontificava o genio de Tobias Barretto, formou-se ali um ambiente de plena, senão de absoluta liberdade de consciencia, a fazer inveja a não poucos centros universitarios. A entrada para o corpo docente do formidavel sergipano só por si denuncia que não somos tão aferrados aos preconceitos e aos idolos que têm escravizado os homens de "raça superior"...

Tobias quando pleiteava a cadeira, de onde projectou a luz renovadora da mentalidade nacional, tinha na sua frente a julgal-o, uma synagoga de sombrios doutores, para os quaes a Summa de São Thomaz marcava o ponto terminal do saber humano. Se metaphysicos havia, estes mesmos não iam além do racionalismo dogmatico, tão intolerante e fechado quanto o seu émulo, o theologismo.

Tobias desfraldava a bandeira de um novo credo philosophico, novo e desconhecido para aquelle tribunal de lettrados; o monismo de Heckel. A ousadia das suas affirmações doutrinarias e mais ainda os seus golpes implacaveis, desferidos no arcabouço millinario das veneraveis concepções dualistas do mundo e da vida, davam a impressão de um assalto brusco, vigoroso, heroico, a uma cidadella até então inexpugnavel e confiante na solidez granitica das suas muralhas. Era natural que os primeiros arrancos não desconcertassem aquella guarnição que, impassivel e de becca, sorria superior para o adversario insolente em investir contra uma fortaleza de quasi vinte seculos de resistencia ás hostes inimigas. Não era possivel que os attingisse, através da montanha de dogmas, que os protegim, a ferrea logica de um plebeu obscuro, bohemio tocador de violão das serenatas sertanejas. Esse en-

gano não durou muito: a impassibilidade dos senhores cathedaticos cedo se transmutou em pasmo; e aquelle sorrir sereno, olympico, que communicava a douta assembléa uma linha de ingenua solemnidade, desmaiava, perdia-se nas faces que se enrugavam graves e apprehensivas. Era que, em torno do denodado campeão cerrava fileiras, compacta e vibrante, a mocidade forte daquelles tempos, em cujos braços se erguera o Mestre a annunciar ás consciencias juvenis a concepção monistica do Universo.

Em outro paiz, talvez, lhe tivessem cortado a palavra, se não passasse pelo vexame de ser lançado ao fundo de um xadrez pelo crime de irreverencia para com os "sãos e sabios" principios que sorvemos com o leite materno, e em que os nossos avós adormeceram tranquillos.

Depois de Tobias e da geração que o applaudia e glorificava, a Faculdade de Recife viu collaborando no seu corpo docente uma elite de pensadores, bastando citar os nomes de Clovis Bevilacqua, de Martins Junior, de José Hygino e de Phaelante da Camara, que continuavam a tradição de Tobias divulgando idéas e doutrinas, sem que os incommodasse a vigilancia policial dos directores.

Ainda hoje a atmospheria se conserva inalteravel: da Congregação, fazem parte catholicos praticantes, como os Drs. Netto Campello, Sophronio Portella e Andrade Bezerra; livres pensadores, como Laurindo Leão, Virginio Marques, Hersilio de Souza, Methodio Maranhão e Joaquim Pimenta, sem que desses dois campos oppostos surja um attrito, uma incompatibilidade qualquer. Cada um ensina a seu modo, professa o que bem lhe convém, não estando á mercê de controle algum.

Assim, o ultimo daquelles professores é, desde os bancos academicos, um extremado defensor de idéas revolucionarias. Entretanto, a despeito da sua educação philosophica, educação qua não occultára nas provas de concurso para o professorado, alcançou, de uma congregação de 13 lentes, 11 votos, tendo tido por competidores um catholico e um evangelista.

Em outros institutos, tambem não nos consta seja um professor mal visto ou censurado pelas autoridades escolares, por ensinar a theoria nebular de Laplace, a da selecção natural de Darwin, ou o evolucionismo de Spencer.

Podêm, pois, zombar de nós, europeus e norte-americanos; pôdem ver em nós uma raça de infima posição no quadro ethnographico das sociedades contemporaneas; mas, em um ponto, podemos rir de uns e de outros, e é que, emquanto entre si se engalfinham por questiunculas de theologia ou de metaphysica transcendente, a nós pouco se nos dá que sejamos filhos de Adão e Eva, ou netos de macacos...

**Joaquim Pimenta.**

(Do *Imparcial*, do Rio, de 26 de Fevereiro de 1925).